

A ECOLOGIA DA SUBJETIVIDADE HUMANA

Francisco Estácio Neto

Doutor / coordenador do curso de Psicologia- UFF/ESSE

francisco-estacio@hotmail.com

Amaro Sebastiao de Souza Quintino

Pós Graduado em Gestão Educacional

amarotiao@yahoo.com.br

Jackeline Barcelos Corrêa

Mestre em Cognição e Linguagem

jack.barcelos1@hotmail.com

1- INTRODUÇÃO

Tendo como fulcro a obra *As Três Ecologias*, do pensador Félix Guattari (1999), que propõe que existem três diferentes conceitos de ecologias, a saber, a do meio-ambiente, a das relações sociais e da subjetividade humana, reflito aqui sobre a necessidade urgente de uma “Ecologia da Subjetividade Humana”, compreendendo que a crescente degradação das relações sociais, que se encontram cada vez mais “líquida” (Bauman), individualista, consumista e competitiva, transformam por isso a relação com os outros e com natureza em um comportamento instrumental e mercadológico, tratando a tudo e todos como “coisa”, de uma forma desprovida de cuidado e do mínimo de ética, levando-nos à conclusão de que a poluição das relações humanas e sociais podem levar também a uma poluição ambiental e da natureza, sendo esta em nosso juízo, uma das principais causas da degradação ambiental.

(...) o início do processo demudança, por sua vez, nos fins da Idade Média, tem como marcao ato de mimar e paparicar as crianças, vistas como meio de entretenimento dos adultos, sobretudo, nas classes elitizadas. A mortejá passa a ser auferida com dor e sofrimento. Já no século XVII, asperspectivas transitam para o campo da moral, sob forte influência de um movimento promovido por Igrejas, leis e pelo Estado, onde a educação ganha terreno: trata-se de um instrumento quesurge para colocar a criança em seu lugar, assim como se fez comos loucos, as prostitutas e os pobres. (ÀRIES, 1978, p. 8)

Vivemos em uma época em que a competição desenfreada característica da sociedade capitalista encontra-se em um nível extremamente elevado e onde a busca da acumulação de riquezas pela elite econômica alcança índices jamais vistos em toda a história da humanidade, gerando relações sociais extremamente individualistas criando assim uma certa “poluição subjetiva” nas diversas relações sociais que estabelecemos nos variados tecidos sociais.

A busca permanente de possibilidades diversas para o aumento de capital nas sociedades moderna e contemporânea, não se intimida com as múltiplas consequências da intensa exploração dos diversos recursos naturais, gerando um comprometimento cada vez maior da fauna, da flora e da diversidade ecológica, sendo esta devastação da natureza, em nosso juízo, resultante e consequência da degradação histórica e progressiva das relações sociais, humanas e interpessoais, onde o “ter” se tornou muito mais importante que o “ser”.

Segundo Bauman (1999), outra percepção da globalização: é a instantaneidade de transporte da informação: Como o mesmo diz, a comunicação barata inunda e sufoca a memória, em vez de alimentá-la e estabilizá-la. A elite usa esse rompimento das barreiras de localização como uma forma de se colocar isoladamente ou acima da sociedade. Mantêm-se conectada utilizando os meios virtuais, mas não se aproxima das comunidades nas quais estão inseridas, gerando uma desestruturação das mesmas.

Cada vez mais os interesses econômicos se tornam mais importante do que a preservação da natureza e também da promoção de relações sociais saudáveis, onde a qualidade de vida seja mais importante do que a quantidade de capital que se acumula na conta bancária daqueles que concentram a maior parte dos recursos financeiros de nossa sociedade.

Para que isso ocorra, o capitalismo para sobreviver, tem que produzir também uma certa subjetividade que ache normal e natural todo este processo enlouquecido de aumento do capital, tendo o mesmo se caracterizado por isso como uma máquina que produz também sujeitos, uma certa forma de pensar, de agir e sobretudo de consumir.

O capitalismo para ter esse para realizar esta produção procura interferir deste cedo na subjetividade das pessoas produzindo todo um processo de conformação da vontade das mesmas, deste a mais tenra idade, às suas necessidades de funcionamento através de suas diversas instituições.

Não por acaso que a sociedade moderna é toda atravessada por inúmeras Instituições, que produzem uma certa maneira de ser e pensar desde o nascimento até à morte de cada indivíduo. Entende-se Instituição como todo o aparato normativo da sociedade e não como prédios e ou cadeiras e mesas. Assim a família, a escola, o trabalho e tantas outras instituições vão nos afetando desde o nosso nascimento e nos leva a internalizar todo o aparato normativa que interessa ao funcionamento do capitalismo.

(...) a história dessa microfísica do poder punitivo seria então uma genealogia ou uma peça para uma genealogia da “alma” moderna. A ver nessa alma os restos reativados de uma ideologia, antes reconheceríamos nela o correlativo atual de uma certa tecnologia do poder sobre o corpo. Não se deveria dizer que a alma é uma ilusão, ou um efeito ideológico, mas afirmar que ela existe, que tem uma realidade, que é produzida permanentemente, em tomo, na superfície, no interior do corpo pelo funcionamento de um poder que se exerce sobre os que são punidos — de uma maneira mais geral sobre os que são vigiados, treinados e corrigidos, sobre os loucos, as crianças, os escolares, os colonizados, sobre os que são fixados a um aparelho de produção e controlados durante toda a existência. (FOULCAUT, 1983, p. 20)

As primeiras instituições, a saber, família e escola, realizam aquilo que se denomina socialização primária e secundária respectivamente, conforme nos ensina Durkheim (1985, p.12). A socialização consiste na interiorização que cada indivíduo faz desde que nasce e ao longo de toda a sua vida, das normas e valores da sociedade em que está inserido e dos seus modelos de comportamento. Assim sendo, socializar é interiorizar no indivíduo os modos de pensar e de agir, do grupo do qual faz parte, sua cultura, valores, princípios morais e éticos.

Não é preciso ressaltar que nesta sociedade em que vivemos os valores que serão interiorizados terão relação com a exaltação do individualismo, da competição, com a performance e com o consumo desmedido.

Na família, assim que nascemos passamos pela socialização primária, que se traduz os primeiros aprendizados da criança para funcionar bem em nossa sociedade, incluindo aí noções cotidianas daquilo que se pode e não se deve fazer, o respeito aos pais e a noção de certo e errado. Assim sendo, criança aprende e interioriza a linguagem, as regras básicas da sociedade, a moral e os modelos de comportamento do grupo a que se pertence. Dessa forma a sua pureza inicial já é “poluída” por noções que já a levam a pensar de forma individualizante e egoística.

1.1 A SOCIALIZAÇÃO E A SUBJETIVIDADE HUMANA

Então a socialização é essencial para o indivíduo, pois deixa marcas muito profundas em toda a sua vida, já que é aí que se constrói o primeiro mundo do mesmo, onde segundo a Psicanálise se dará a proibição do incesto, no complexo de Édipo, que se traduz, simbolicamente, na primeira interdição que a criança internaliza, de onde derivará a estrutura do aparelho psíquico denominado “supergo” que será daí em diante o lugar onde se depositará todas as normas que a criança internalizar ao longo de sua vida (FRIDMAN, 1999, p. 8). Todas estas normas, face a cultura ocidental moderna estarão impondo valores que são contrários a uma relação solidária e enfocarão, não raro, a carreira individual e a busca de um certo sucesso que se confunde a capacidade de comprar e consumir: que se busque o sucesso a qualquer custo.

[...] a emoção está relacionada à necessidade objetiva de suportar a situação que se torna crítica aguentá-la, dominá-la, isto é, experimentar emocionalmente algo. Logo, a emoção representa uma atividade emotiva de grande intensidade, que contribui para a reorganização do mundo íntimo da personalidade e para a consecução do equilíbrio necessário. (PETROVSKI et al, 1989, p. 370)

A socialização secundária se dará sobretudo na escola, se caracterizando por todo e qualquer processo que introduz um indivíduo já socializado em novos setores no mundo objetivo da sociedade, existindo uma aprendizagem da hierarquia, da disciplina e da ordem, como também das expectativas que a sociedade ou o grupo depositam em cada sujeito (SENNETT, 2005).

Isso se dá através de práticas educativas que preparam o aluno para a obediência “responsável” (submissa e obediente), fruto das exigências ainda do capitalismo industrial, que se exprime nas soluções ou preenchimentos de demandas instituídas por uma sociedade gregária, que promove um constrangimento do indivíduo levando-o em demasia a fixar-se nos limites da conservação institucional e a mover-se somente dentro das redes do possível instituído, desperdiçando os modos mais ricos e sutis de criação de novos mundos e de relações com outras dimensões possíveis do real.

Precisamos com urgência pensar em uma nova maneira de estimular e produzir na família, na escola e na sociedade em geral, uma nova forma de pensar que não seja

impregnada desses valores individualistas e consumistas e que ajudem a contribuir para que tenhamos uma sociedade que substitua a busca das utopias individuais por novas utopias coletivas.

Na produção de subjetividades cheias de potência e em direção a uma produção estética da própria vida (“constituira própria vida como se ela fosse uma obra de arte”) devemos constituir nos processos de socialização primária e secundária a busca de uma multiplicidade e de uma lógica da diferença que nos desestabiliza, uma vez que nos vemos, às vezes, centrados no único, na similitude, no idêntico como naturais na produção do ser e do conhecimento. Guattari (2006) afirma que:

“A única finalidade aceitável das atividades humanas é a produção de uma subjetividade que enriqueça de modo contínuo sua relação com o mundo. A essa máquina de produção de subjetividade eu oporia a idéia de que é possível desenvolver modos de subjetivação singulares, aquilo que poderíamos chamar de ‘processos de singularização’, uma maneira de recusar esses modos de em codificação preestabelecidos, todos esses modos de manipulação e tele comando, recusá-los para construir, de certa forma, modos de sensibilidade, modos de relação com o outro, modos de produção, modos de criatividade que produzam uma subjetividade singular. Uma singularização existencial que coincida com um desejo, com um gosto de viver, com uma vontade de construir o mundo no qual nos encontramos, com a instauração de dispositivos para mudar os tipos de sociedade, os tipos de valores que não são os nossos”. (GUATTARI; ROLNIK, 1999, p.16-17)

Neste sentido, pensando na promoção de subjetividades autônomas, devemos investir em maneiras de produzir e criar ressonância com uma educação da diferença, que investe em posturas criativas desde a mais tenra idade e envolvam modos de educar, de ensinar e aprender, que preparem o indivíduo para que se torne capaz de criar as próprias condições de pensamento e existência, que podem estar presentes tanto em práticas escolares como não escolares, como em redes e movimentos sociais. A análise de tudo o que é “esquizo” (diferente e diferença não como patologia, mas como possibilidade), em novos processos de socialização nas diversas instituições, longede se constituir em uma patologia, representa para a esta empreitada, tanto empiricamente (comportamental) como teoricamente, uma ação que deve ser afirmada em toda a sua potencialidade para inventar um mundo novo e melhor, um outro

possível, novos territórios de ser e pensar desterritorializando os modos de ser e pensar vigentes (MARCONDES, 1978).

Este propósito pode se constituir em uma das mais importantes contribuições para uma nova Epistemologia Educacional, especialmente para os atuais desafios da educação escolar, por basear-se em si mesma em uma contínua experimentação do pensamento, se propondo sempre a desconstruir qualquer certeza cartesiana, resignificando conceitos e práticas já consolidadas e adormecidas na acomodação parmediana e positivista, correspondendo em muito a uma possibilidade de dar um sentido mais rico ao modo de produção subjetiva do mundo contemporâneo não raro sem sentido, fragmentada e pulverizada, por ela ser um instrumento de produção de subjetividades fortes, autônomas e afetivas

Despoluir os processos de subjetivação se traduz como uma possibilidade educativa no interior das práticas escolares, não escolares e institucionais, no sentido de facilitar o estabelecimento de relações menos hierarquizada e disciplinares, possibilitando sempre a emergência de uma subjetividade singular, criativa, do diferente e do inusitado.

Desse modo, identifica-se aquela que deveria ser a verdadeira natureza dos processos de socialização, que longe de situar-se no campo da repetição, se proponha amergulhar nas profundezas da invenção e de práticas desterritorializantes da produção subjetiva dominante. Nas práticas escolares, redes sociais e nos movimentos sociais, este deve ser o modo de funcionamento desejado para que sempre exista a possibilidade de emergências, de soluções novas para problemas antigos, de novas posturas mais solidárias e coletivas nas relações sociais e interpessoais.

Nesse contexto necessário se faz até resignificar a concepção de “repressão do desejo” (numa perspectiva psicanalítica), entrelaçando este mesmo desejo com as ideias de Nietzsche (1943), de vontade de potência, um desejo que seja ativo e que busque inventarum “outro desejo” que seja expressivo, que engendra outros jeitos de ser, pensar e viver, intensamente atravessados por acontecimentos e intensidades que retiram o desejo de sua “internação” passiva no inconsciente e o transforme em um desejo produtivo, “maquínico” e militante e que contribua para a construção de uma outra sociedade e de outras relações sociais que tenha como propósito a solidariedade, a cidadania e uma ética do e para o coletivo.

1.2 AS TRÊS ECOLOGIAS, CONFLITOS E PODER.

Sobre essa realidade-referência, vários conceitos foram construídos e campos de análise foram demarcados: psique, subjetividade, personalidade, consciência, etc.; sobre ela técnicas e discursos científicos foram edificados; a partir dela valorizaram-se as reivindicações morais do humanismo.

Por derradeiro, objetivo dessas reflexões é tentar contribuir para uma problematização dos modos de educação contemporânea e decorrente produção subjetiva, estabelecendo uma fronteira clara entre os modos de socialização parapotência e algumas práticas socializadoras fundadas na moral, na educação para a obediência a um sistema de representações de reprodução e memorização de fórmulas/formas de verdade, reforçadores de relações sociais que não produzem uma ecologia subjetiva para a liberdade, a solidariedade e a singularidade como diferença e não como patologia.

A partir de Habermas, Ciampa (ibid., p. 212) afirma que “a reprodução da vida precisa ser mediatizada pela interpretação do que merece ser vivido, sob as condições dadas”, sendo um dos elementos básicos para compreender o agir comunicativo. Ciampa ainda prossegue afirmando que

[...] a despeito de diferentes pontos de partida sobre como a humanidade garantiu seu desenvolvimento – esquematicamente, o trabalho ou a socialização (dinâmica pulsional) –, há como que um princípio norteador levando a espécie a se elevar acima da existência animal, ou seja, pode-se perceber, através dos dois pensamentos comparados [de Marx e Freud], um movimento progressivo de humanização do homem, graças a um sistema de autoconservação da espécie (sociedade ou cultura), que no fundo é traduzível pelo interesse da razão. (p. 209)

Para entender a relação entre a amplitude do poder e dos conflitos relacionados ao poder é necessário que se saiba onde os mesmos estão inseridos. O poder e o conflito podem estar inseridos em diferentes organizações, conforme diz GUATARRI (2006), grupos formais são aqueles estruturados com metas co-orientadas, como no emprego ou na escola, já os grupos informais podem ser formados por membros de uma família e até um grupo de amigos, a razão pela qual existem diferentes grupos sociais é devido ao

fato das pessoas perceberem que unidas atingem mais facilmente seus objetivos pessoais, devido à influência do meio, estes grupos são diferentes uns dos outros.

O poder e o conflito estão presentes em todos os tipos de organizações, estas duas fontes podem ser vivenciadas em sociedade, de acordo com os níveis hierárquicos e normas de submissão, estas organizações podem ser vistas como estruturas políticas, instrumentos de resolução de problemas ou sistemas sócio-técnicos, onde as personalidades políticas desempenham papéis preponderantes os de tomar decisões. Neste cenário acontece a influência de fatores de personalidade e uso sensível de forças e limitações das pessoas em relação à tomada de decisões e distribuição de poder, melhorando a qualidade de vida dentro da organização.

2- OBJETIVOS

O objetivo geral deste trabalho está associado à compreensão da subjetividade, através de chaves transversais, que se instaura ao mesmo tempo mundo do meio ambiente, dos grandes agenciamentos sociais e institucionais e, simetricamente, no seio das paisagens e dos fantasmas que habitam as mais íntimas esferas do indivíduo. Os objetivos específicos estão associados a uma reflexão, ressaltando os impactos socioambientais que influenciam o ser humano. A relevância deste trabalho aponta para o fato de que as relações psíquicas, sociais e ambientais são atravessadas, permanentemente, pelas estratégias de um capitalismo rizomático ou conexionista que, no âmbito da sociedade de controle se estende e se amplia cada dia mais.

3- METODOLOGIA

Esta pesquisa trata-se de uma metodologia bibliográfica e documental com foco em discutir, sob a luz do conceito das três ecologias (social, ambiental e mental), o processo de articulação ético-político e estético exercido pela sociedade. A partir da metodologia qualitativa, baseia-se nas pistas teóricas trilhadas por Félix Guattari. A pesquisa é de caráter exploratório, exemplificada por algumas pistas desvelam que

através da comunicação zigomática, a publicização marcária produz “Kits de subjetividades”, que consomem e, ao mesmo tempo, veiculam as próprias marcas.

4- RESULTADOS PRELIMINARES

A presença do poder atrai e mantém pessoas que desejam se alimentar aquele poder. Isso serve para aumentar o poder dos próprios detentores do poder. Embora regras e regulamentos possam muitas vezes ser vistos como instrumentos racionais que pretendem ajudar no desempenho de uma tarefa, nem sempre isso é verdadeiro. Muitas vezes as regras e regulamentos impostos são fruto de uma luta pelo controle político de algo. A burocracia, como se sabe, pode ser um forte instrumento de poder. Aqui no Brasil, isso é tão verdadeiro que diversos ramos de negócio florescem na sombra do cipoal de regras e regulamentos. Segundo Morgan, na esperança de obter favores, as pessoas podem começar a emprestar ao detentor de poder um apoio gratuito, ou adotar a sua maneira de pensar. Isso aumenta o poder daquele que está no poder. Outro aspecto importante é que o poder é estimulante. Quando uma pessoa vivencia progresso ou sucesso, fica energizada. E isso leva à busca de mais progresso e poder. Com isso, cresce algumas formas organizacionais com base no poder; os conflitos, poder e conflito, exercício do poder nas organizações e a resolução de conflitos.

A literatura aponta que os conflitos podem ser considerados tanto benéficos, como maléfico à organização, uma vez que podem motivar o funcionário a um crescimento, tanto pessoal, quanto profissional, colaborando, dessa forma, para uma melhoria do desempenho individual e do grupo. Para a resolução desses conflitos, a negociação é uma alternativa indicada, desde que o profissional designado para tal seja capacitado, isto é, que tenha conhecimento do processo desencadeador do conflito para, dessa forma, buscar uma solução que satisfaça de maneira razoável e justa aos objetivos, interesses, necessidades e aspirações das partes envolvidas no conflito.

O poder é o meio através do qual os conflitos de interesse são, afinal, resolvidos. Segundo diversos autores, o poder influencia quem consegue o quê, quando e como. Isso relaciona as fontes de poder mais importantes de poder que podem existir numa organização. Toda vez que alguém possui controle sobre as interfaces possui poder.

5- CONSIDERAÇÕES

Após refletir sobre a obra *As Três Ecologias*, do pensador Félix Guattari (1999), que percebe-se que existem três diferentes conceitos de ecologias, a saber, a do meio-ambiente, a das relações sociais e da subjetividade humana, reflito aqui sobre a necessidade urgente de uma “Ecologia da Subjetividade Humana”, compreendendo que a crescente degradação das relações sociais, que se encontram cada vez mais “líquida” individualista, consumista e competitiva, transformam por isso a relação com os outros e com natureza em um comportamento instrumental e mercadológico, tratando a tudo e todos como “coisa”, de uma forma desprovida de cuidado e do mínimo de ética, levando-nos à conclusão de que a poluição das relações humanas e sociais podem levar também a uma poluição ambiental e da natureza, sendo esta em nosso juízo, uma das principais causas da degradação ambiental.

Negociar os conflitos é gerir a qualidade da comunicação entre os litigantes no sentido de conduzi-los à construção, por eles próprios, de suas soluções. Aprender a negociar, objetivamente, é acessar os meios que induzem à comunicação e à construção de relacionamentos que regulam as situações conflituosas e seu modo de acompanhamento na tomada de decisões.

Assim, os conflitos ao mesmo tempo em que representam uma ameaça a estabilidade de uma organização, podem também representar uma via de crescimento conjunto, ou seja, organização, gestor e colaborador podem sair fortalecidos de uma situação conflituosa, desde que usadas às alternativas corretas para a solução do mesmo.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, P. **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

BAUMAN, Z. (Globalization: The Human Consequences, 1998). **Globalização: As Consequências Humanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

CIAMPA, A. C. (1987). **A história do Severino e a história da Severina: um ensaio de psicologia social**. São Paulo, Brasiliense.

_____, GUATTARI, Félix (L'anti-Oeídpe:Capitalisme et schizophrénie, 1972).
O Anti-Édipo: **Capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir**. Rio de Janeiro: Vozes, 1983.

FRIDMAN, L. C. “**Pós-modernidade: Sociedade da Imagem e Sociedade do Conhecimento**”. In: Historia, Ciência e Saúde. Rio de Janeiro: volume 6, número 2, 1999. Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010459701999000300007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 14 Nov 2006.

GUATTARI, F. (Lestrosécologies, 1989). **As Três Ecologias**. Campinas: Papyrus, 2006.

MARCONDES, D. **Textos básicos de Filosofia**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

PETROVSKI, A. V. et al. (1989). **Psicologia**. Moscou, Progresso.

SENNETT, R. (The Corrosion of Character, 1998). **A Corrosão do Caráter: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo**. Rio de Janeiro: Record, 2005.